

SUPLEMENTO **SALVATERRA**

## MEMÓRIAS DE OUTROS CARNAVAIS

Fevereiro foi um mês de comemoração, de muita festa e alegria. Celebrámos os amigos, as amigas, os compadres, as comadres e, finalizámos, com o Carnaval. Aproveitando o mote carnavalesco, a Associação Salvaterra quis viajar no tempo e, através das memórias das utentes do Centro de Convívio de Santo Espírito, partilhar histórias de como se celebrava o Carnaval nos meados do século XX.

Mas antes de darmos voz aos nossos testemunhos, recorremos à escassa bibliografia que há sobre as tradições e costumes de Santa Maria, mais concretamente das celebrações de Carnaval dos nossos antepassados.

Jaime de Figueiredo (1896-1964), na sua obra "Ilha de Gonçalo Velho - Da Descoberta até ao Aeroporto" (1954), no capítulo "Costumes e Tradições", dedica um pequeno parágrafo ao entrudo, onde descreve o seguinte:

*"No entrudo, ranchos de máscaras andam à cata dos filhos, que ali chama mal-assadas. E que dizer dos grupos dançantes, de travestis avacentos, percorrendo as ruas principais, ao toque do acordeão do Timbim e sob a direção de Tatónio! Eram doze pares, instruídos para a dança de martelos e cadarços, em elegantes evoluções, marcando o compasso com pratos metálicos ou fazendo o curioso entratranço de desenho multicolor" (p.92)*



**Centro de Convívio de Idosos de Santo Espírito**



**Mascarados \_ fonte Jornal O Balaarte**

com cadarços, entrecruzavam-se alternadamente muito "certinhos", ao ritmo das rebecas, guitarras e ferrinhos:

*"Eu venho do remo, remo*

*Do remo, remo eu venho*

*Venho de ver o meu bem*

*Que no remo, remo tenho*

*Se fores ao mar pescar*

*Que a fortuna te não deixe*

*Rema sempre para fora*

*Quanto mais fora, mais peixe"*

*Todos dançavam, mas "o velho e a velha" da dança faziam das suas, perdendo pelas casas: malassadas, búzios, sonhos, coscorões, rosas do "ingito" (p.*

*"Cada dança saía com o seu tema", recorda Isaltina Braga.*

*"Os da Calheta eram os mais finos nas danças e, então, atacavam sempre os de Malbusca. Só que uma vez, houve alguém que veio da Maia para cima já de noite e, no Castelo, na passagem de ano costumavam a dar fogo de artifício e acho que eles tiveram medo. Os de Malbusca apanharam isso e usaram no Carnaval", conta.*

*Eram "mulheres muito altas" e então eles vinham cantando:*

*"Olha os Russos, Olha os Russos cá na nossa freguesia*

*lhe marcou foi a da "Galinha Poedeira". "Foi uma dança muito gira. A música foi feita por uma rapariga da Rua da Paz e falava de uma galinha que comia ossos e tudo. Foi uma história que aconteceu mesmo", lembra.*

*"Era divertido naquele tempo". Segundo Maria da Glória Chaves, em Malbusca vivia-se muito o Carnaval, de lá saía sempre uma dança que ia para a praça e também atuava em Malbusca.*

*O marido sempre fez parte das danças de Malbusca, então recorda-se do tempo em que "os versos tinham de passar na censura". "Se tivesse alguma coisa mal,*

*Isaltina Braga.*

*Por vezes, faziam "fila" para entrar nas casas e para não serem descobertos, o que já estavam lá dentro, iam para debaixo da chaminé, por trás dos reposteiros, e tiravam a máscara aos donos da casa. "Eram poucos os que não mostravam a cara. Agente não tinha bom pressentimento para aqueles que não tiravam a máscara", refere.*

*Maria Fernandes lembra-se que o pai saía de mascarado todos os anos e que também tinham sempre a porta aberta para os receber. "Tínhamos sempre biscoitos, vinho abafado e mercava-se*



Por sua vez, Jacinto Monteiro (1933-2003), em "Memórias da minha ilha" (1982), preenche algumas páginas da sua obra com o Carnaval em Santa Maria, destacando a figura do "Senhor Inglês", Alexandre Hill Gray, um estrangeiro que aqui viveu durante 40 anos.

### "O Senhor "Inglês" e o Carnaval em Santa Maria

"(...) Em segunda-feira Gorda, incitados por senhor Alexander, novos e velhos apanhavam banhos forçados até mesmo velhinhas que, de capote e capelo, se dirigiam ao "Laus Perene" em desagravo das ofensas daqueles dias. Ninguém es-capava à molha; todos achavam graça e não davam cavaco. Quem lucrava eram os velhos aguieiros (...) que, em seus carrinhos de mão, muita aguaceira acarretavam, de manhã até à noite.

O estruço rematava em terça-feira com a "dança dos cadarços" de valverde, posta em cena, magistralmente por Mestre Timbim: doze rapazes vestidos de mulher, desajeitadamente pintados com as pernas pilhadas de "gadelha" (...) outros doze vestidos à labrego – calça de estampanha, camisa de linho, faixa vermelha com muitos "berloques", jaqueta preta, grandes "matacões" e chapéus floridos com variegadas cores.

Enquanto faziam grandes requebros e exageradas vénias, cantavam, levando arcos de papel colorido ou um mastro

### As mulheres não eram "bem vistas" nas danças de Carnaval

Isaltina Braga, Maria Fernandes, Maria da Glória Chaves e Gabriela Braga recordam-se dos carnavais em que só os homens podiam participar nas danças, acabando por ser eles próprios a representar os papéis femininos.

As mulheres não participavam no Carnaval? "Não, credo! Era uma coisa séria. Eram os homens que se vestiam de mulheres".

"Antigamente, haviam danças como há agora. No domingo magro e, mais, no domingo gordo, os homens saíam à rua numa dança. As roupas eram calças brancas, camisas brancas, umas fitas, uns chapéus muito bem enfeitados. Os homens que se vestiam de mulheres iam com saias. Eles iam então muito bem vestidos", recorda Isaltina, de 71 anos.

Maria Fernandes, 87 anos, lembra-se de em criança ir para a praça ver as danças de Carnaval. "Lembro-me que eram só homens que participavam com roupas todas brancas e com umas listas verdes ou azul".

Segundo Maria da Glória Chaves, as "raparigas" começaram também a entrar nas danças de Carnaval, "mas só depois do 25 de abril".

### Os temas populares das danças

Houve lágrimas e saúdos E toda agente dizia: Olha os Russos, Olha os Russos cá na nossa freguesia."

Maria da Glória, de 81 anos, também se recorda desta dança: "um chofre de uma camionete que disse uma piada que os da Calheta tinham visto os Russos e que tinham visto uns estrondos e fizeram uns versos com isso que foi para dança".

"Uma outra vez foi a dança dos partidos que na altura era LIDE, já depois do 25 de abril, e de um presidente da junta que era o Luís do Rego", acrescenta.

Para Gabriela Braga, a dança que mais

aquilo era cortado. Não se podia dizer tudo ali na praça como fazem hoje em dia", diz.

A freguesia de Santo Espírito sempre juntou muita gente por altura do Carnaval. "Vinham pessoas de outras freguesias para ver as danças e outras também traziam a sua", recorda Maria Fernandes.

### Mascarados pelas portas

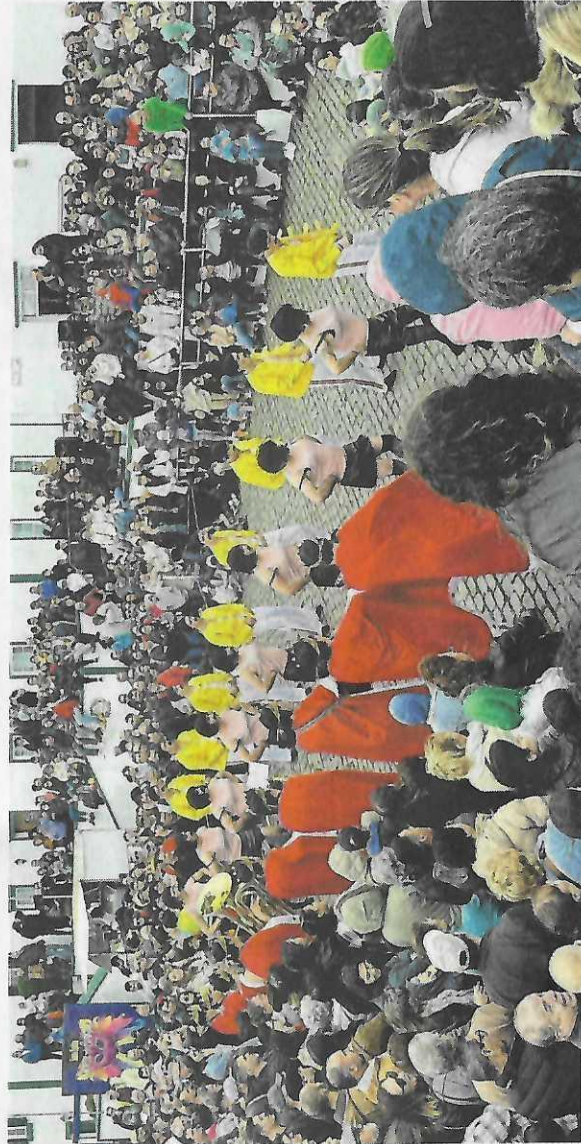
Para além das danças, naqueles dias, "as pessoas também se vestiam de mascarados e iam pelas portas".

"Tinham sempre malassadas e licores para receber os mascarados", lembra

uma garrafa ou duas de licor", conta. Também a casa de Gabriela Braga estava sempre pronta para receber os mascarados. "A minha mãe fazia sempre para acompanhar".

Naquele tempo, "havia muito a tradição dos mascarados e saía muita gente. Se estavam uns em casa, os que estavam na rua esperavam para que aqueles saíssem. Isto para não se conhecerem uns aos outros, porque eles em casa tiravam as máscaras", explica.

"O Carnaval antigamente era mais divertido que hoje", termina.



Danças de Carnaval 2024